



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A CIRCULAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA TV SERGIPANA- NAZARÉ CARVALHO E OS PRIMEIROS PROGRAMAS INFANTIS TELEVISIVOS DO ESTADO

RISIA RODRIGUES SILVA MONTEIRO

MARLUCE LOPES

FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

RESUMO Este artigo discorre sobre a atuação da comunicadora Nazaré Carvalho em programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil na TV Sergipana, no período de 1971 a 1979. A apresentadora foi detentora de significativos índices de audiência nas televisões locais, através da apresentação dos programas Clube Júnior (TV Sergipe – de 1971 a 1974) e Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia – a partir de 1975), nos quais colocava em circulação diversas práticas educativas. Buscou-se entender a contribuição da comunicadora para a transmissão de práticas educativas para crianças e adolescentes da década de 1970 no estado. Trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem histórico-cultural, que utilizou como fontes principais jornais, fotografias, vídeos e registros orais. Entre os principais referenciais estão Bourdieu, Chartier, Bosi e Pollack.

Palavras-chave: Educação. Nazaré Carvalho. Televisão. **ABSTRACT** This paper is the result of a research on the role of the communicator Nazaré Carvalho in television shows dedicated to the youth public on Sergipe's television, between 1971 and 1979. The presenter has got significant audience ratings on local television through the presentation of the shows Clube Júnior (TV Sergipe – from 1971 to 1974) and Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia – since 1975), in which she used several educative practices. This study tried to understand the contribution of the communicator to the transmission of educative practices to children and teenagers in the 1970's in Sergipe. It is a documental research, with a historic and cultural approach, that used newspapers, photographs, videos and oral information as main sources. Boudieu, Chartier, Bosi, and Pollack are among the

main references. **Keywords:** Education. Nazaré Carvalho. Television.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de pesquisa que investigou práticas educativas postas em circulação em emissoras de televisão sergipanas, tomando como objeto a atuação da comunicadora Nazaré Carvalho nos programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil exibidos na década de 1970. Apresentando os programas Clube Júnior (TV Sergipe - 1971 a 1974) e Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia - a partir de 1975), Maria Nazaré de Carvalho foi detentora de significativos índices de audiência nas televisões locais, encantando, divertindo e fazendo uso de diversas práticas educativas. Desse modo, sabendo-se que a educação se dá em outros níveis, que não apenas o escolar, este estudo investigou a circulação de práticas educativas em programas televisivos apresentados por Nazaré Carvalho. O trabalho foi norteado pelas seguintes questões iniciais: o que teria levado as TVs sergipanas, logo na fase de suas respectivas implantações, a investirem nos programas infantis?

Como esses programas eram produzidos e realizados?

Além do fator entretenimento, eram pensadas questões educativas?

Teria Nazaré Carvalho, a “tia Nazaré”, como era conhecida, a intenção de educar?

E quais foram as práticas educativas utilizadas pela comunicadora?

A partir desses questionamentos, a investigação explorou a hipótese de que Nazaré Carvalho difundiu, por meio de programas televisivos, práticas educativas. O recorte temporal desta pesquisa está demarcado entre os anos de 1971 a 1979 e leva em conta as apropriações e representações postas em circulação nos programas apresentados pela comunicadora Nazaré Carvalho. Apropriações aqui tomadas no entendimento de Chartier (1990, p. 26), as quais têm “por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas que as produzem” dispensando atenção especial às condições e aos processos de construção do sentido. Também é do mesmo autor o conceito de representações que essa investigação faz uso. “As representações não são simples imagens verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p.51-52). O ano de 1971 foi escolhido como marco inicial, haja vista seu significado na trajetória de Nazaré Carvalho como apresentadora de televisão. Nesse ano, foi levado ao ar, na TV Sergipe, o primeiro programa infantil da televisão sergipana: o “Clube Júnior”. O programa permaneceu na grade da emissora até 1974, quando Nazaré Carvalho deixou a TV Sergipe. A apresentadora foi convidada para fazer parte da TV Atalaia, emissora que foi

inaugurada em 1975. O marco final, o ano de 1979, deve-se ao fato de, nesse período, Nazaré Carvalho ter consolidado sua carreira de apresentadora de programas infantis em Sergipe. Na revisão bibliográfica geral, constatou-se a carência de estudos sobre a veiculação de conteúdos educativos na televisão local e/ou a respeito da atuação da comunicadora Nazaré Carvalho. Na historiografia educacional sergipana, não foi identificada nenhuma pesquisa interessada na circulação e historicidade de práticas educativas nos meios televisivos sergipanos e, sobretudo, da atuação de Nazaré Carvalho como educadora em programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil. No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, foram identificadas três dissertações que incluem a televisão em suas abordagens. Todas lançam o olhar sobre a inclusão da TV, mais precisamente do vídeo, como ferramenta educativa nas escolas. Nessas, contudo, é tratada a educação “com” a utilização da televisão e não “na” televisão, que foi a proposta desta pesquisa. A revisão bibliográfica também investigou a produção do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS), uma vez que Nazaré Carvalho foi uma das primeiras radialistas e jornalistas do estado. No curso de Radiojornalismo, foi identificado o projeto radiofônico experimental “Linhas de Expressão” (2007). No trabalho, foi feita uma retrospectiva do rádio no estado, e Nazaré é citada apenas como locutora. Como apresentadora dos primeiros programas infantis na televisão sergipana, a única referência bibliográfica que menciona Nazaré Carvalho, identificada nesta pesquisa, foi feita pelo jornalista Osmário Santos: “[Nazaré] recebeu de Luís Carlos o convite para fazer o programa infantil “Clube Júnior” [...]. Também foi fundadora da TV Atalaia, quando foi fazer o programa “O Mundo Infantil”[1] (SANTOS, 2002, p. 649). Em nível nacional, também não se constatou a existência de pesquisas no campo da História da Educação que tenham privilegiado o estudo da atuação de educadores na TV e/ou a circulação de práticas educativas nesse veículo de comunicação. No Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de 2011 a 2012, foram identificadas dissertações e teses que, mesmo não tratando da atuação de uma comunicadora como educadora infantil na televisão, abordam temáticas e objetos relacionados a este estudo. Adotou-se, portanto, nesta pesquisa, a flexibilização de fronteiras com outras áreas do conhecimento. Para além do diálogo com pesquisas identificadas como pertinentes a este estudo no Banco de Teses e Dissertações da Capes, esta investigação buscou também os anais dos congressos realizados pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) no período de 2002 a 2015. Foram lidos todos os resumos de comunicações individuais com títulos relacionados com o objeto desta pesquisa. Em seguida, foi realizada a leitura completa dos artigos referentes aos resumos considerados pertinentes a esta investigação. Entre as comunicações das sete edições do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) pesquisadas, apenas um artigo abordou a temática “circulação de práticas educativas em programas infantis televisivos”. O trabalho em questão, intitulado “Nazaré Carvalho e a Educação infantojuvenil na TV Sergipana

(1971-1976)”, foi o resultado parcial desta pesquisa apresentado no CBHE realizado em agosto de 2015, em Maringá-PR, de Rísia Rodrigues Silva Monteiro e Joaquim Tavares da Conceição – Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ainda em busca do Estado da Arte, foram identificados outros artigos, dissertações e monografias que abordam a História da televisão no Brasil, do rádio em Sergipe e de programas televisivos infantis. Esse estudo se apresenta como pesquisa documental e iconográfica e utiliza como fontes os registros orais de antigos telespectadores, de participantes dos programas, de profissionais da comunicação e da própria apresentadora; fotografias; vídeos; documentos oficiais; acervos particulares; jornais e sites. As memórias, com suas singularidades, semelhanças e contradições, assumem papel importante na reconstrução da trajetória e atuação profissional de Nazaré Carvalho, principalmente diante da precariedade dos arquivos das televisões locais relativos à fase de implantação das emissoras e dos programas por elas veiculados. A própria Nazaré preservou poucas “coisas” daquele período: “Só umas ‘coisas velhas’, poucas fotos antigas e cartas de fãs que não dão ideia da grandiosidade e sucesso dos programas”, avaliou a apresentadora (CARVALHO, 2014). Essas “coisas velhas”, somadas a outras pistas, ajudaram a produzir uma escrita da História da Educação na TV sergipana em sua fase de implantação, em uma abordagem cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 1990). As memórias foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas e histórias de vida inacabadas ou resumidas. Estas últimas, “histórias de vida que se estendem por várias sessões e acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa”, ensina Alberti (2011, p.161). E como escolher a quem ouvir?

Lembrando “que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado” (ALBERTI, 2004, p.78), a seleção dos entrevistados levou em consideração fontes que pudessem contar sobre a trajetória pessoal e profissional da apresentadora e a implantação das primeiras emissoras de TV no estado e seus programas infantis. Nazaré Carvalho encabeçou a lista e se mostrou disponível sempre que solicitada. No transcorrer da pesquisa, esse número foi ampliado e alguns depoimentos descartados. Os entrevistados, com raras exceções, falaram com aparente satisfação sobre o assunto e alguns até se emocionaram ao lembrar dos programas e da “tia Nazaré”. Foram coletadas individualmente, gravadas em áudio, transcritas, revisadas e autorizadas pelos depoentes, sendo algumas feitas *online* via *facebook(inbox)* ou por *e-mail* – e posteriormente arquivadas. Não se ignorou nessa pesquisa as armadilhas que podem envolver o pesquisador da história oral. Assim, foi mantida vigilância constante no sentido de não incorrer no erro de tomar as memórias dos entrevistados como verdades irrefutáveis. As fontes têm suas intencionalidades que são oferecidas à posteridade. Portanto, é preciso interrogar os fatos e checar as evidências (THOMPSON,1981). Memórias individuais e seus processos constitutivos (POLLAK,1992; HALBWACKS,1990) foram relevantes na escrita da história da Educação Infantil na TV sergipana, pois, mesmo que se deva muito à memória coletiva, “é o indivíduo que recorda. Ele

é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 2001, p.411). Somam-se a essas entrevistas um vídeo comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe (2006), produzido por Dida Araújo, que acrescentou importante contribuição à essa investigação; uma edição do programa Terras Serigy (2014). Além dos vídeos, outras fontes imagéticas importantes no aprofundamento desse estudo foram as fotografias – a maioria do arquivo da apresentadora; outras, descobertas em documentação escolar; arquivos de emissoras de comunicação de Sergipe; acervos pessoais de ex-colegas de trabalho e fãs da “tia Nazaré”; jornais da época; redes sociais e sites. O material fotográfico, que não foi tratado como mera ilustração, foi classificado em quatro temas: Programas infantis, Nazaré Carvalho, Aracaju e Outros. Nessa pesquisa, as fotografias e os vídeos assumiram forma de evidência histórica (BURKE, 2004), sem, entretanto, desconsiderar a necessidade de ir além do que é visto. Como lembra Kossoy (2007; 2009), é preciso levar em conta o processo de construção da representação e da ficção documental. É necessário interpretar as fontes fotográficas fazendo uma desmontagem do signo fotográfico. No levantamento sobre a formação intelectual de Nazaré Carvalho, a pesquisa recorreu à própria comunicadora, a ex-professores e ex-colegas de escola da apresentadora e a fontes oficiais. Foram examinados documentos escolares nos colégios Dom José Thomaz, Atheneu Sergipense, no Departamento de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe e na Universidade Federal de Sergipe (UFS). A todos os documentos utilizados nesta investigação, foi dado o tratamento preconizado por Le Goff (2003). Ele ensina que todo documento é um monumento e, como tal, precisa ser desmontado considerando cuidadosamente as possíveis intencionalidades no processo da “montagem”. Este artigo está dividido em três seções: A primeira é a introdução, que aborda a os fundamentos teóricos, a metodologia empregada e o caminho percorrido em busca do Estado da Arte e dos objetivos geral e específicos da investigação. São apresentadas categorias e autores com os quais se escolheu trabalhar, as fontes recorridas, com destaque especial para a história oral, recurso metodológico que privilegia as memórias dos entrevistados . A segunda seção dá conta da família, formação escolar e trabalho da apresentadora. Trata também da inserção de Nazaré Carvalho no mundo do rádio e da TV em Sergipe. Na terceira seção são abordados os programas Clube Júnior e Nosso Mundo Infantil. Nas considerações finais, foram retomadas as questões norteadoras dessa investigação e enfatizados os resultados da pesquisa. **2 A TRAJETÓRIA DE VIDA DE NAZARÉ CARVALHO** Maria Nazaré de Carvalho nasceu no município de Nossa Senhora das Dores, Médio Sertão sergipano, em 25 de agosto de 1949. Aos quatro anos de idade, mudou com a mãe, dona Maria Terezinha de Carvalho, o padrasto (um policial militar), e os quatro irmãos para a capital. A mãe, professora primária e funcionária do Estado, foi transferida para Aracaju. Nazaré, a filha mais velha, foi alfabetizada pela mãe, fez o primário na Escola Normal, o ginásio no Colégio Senhor do Bonfim e o pedagógico no Instituto de Educação Rui

Barbosa e Colégio Dom José Thomaz e graduou-se em Letras na Universidade Federal de Sergipe. A relação de Nazaré com a família foi abalada quando ainda adolescente e solteira ela engravidou. A reconciliação só viria muitos anos depois, ela já como a famosa “tia Nazaré”. Acolhidas por uma vizinha, a dona Epunina Teles do Nascimento, Nazaré buscou trabalho: era preciso prover o sustento dela e da filha. O primeiro emprego foi vendendo cera líquida em domicílio. O segundo trabalho foi como caixa em um supermercado, onde ela conheceu as pessoas que a levariam para o mundo das comunicações. Nazaré foi descoberta por dois grandes comunicadores da Rádio Cultura de Sergipe: Hélio Fernandes e Humberto Mendonça. “[...] Eles me levaram para o rádio. Comecei como discotecária e apresentadora do programa “Boa tarde, madame” (CARVALHO, 2014). No programa, apresentado de segunda a sexta-feira, das 16h30 às 17h, Nazaré Carvalho dava conselhos ao público feminino e se familiarizava com o rádio. Na Rádio Cultura a comunicadora permaneceu apenas dois meses e 14 dias porque foi convidada para trabalhar na Rádio Jornal. Em 1971, em busca de novas oportunidades e, claro, para ganhar mais, Nazaré Carvalho muda novamente de emissora. Em 20 de setembro de 1971 foi para Rádio Atalaia AM. Além da presteza, simpatia e disposição para o trabalho atribuídas pelos entrevistados à Nazaré, outra particularidade da radialista chamava a atenção das pessoas: a voz. Um timbre grave e aveludado e a dicção perfeita impressionavam. O timbre de voz e a performance vocal concediam à comunicadora um diferencial no campo da comunicação. Segundo Bourdieu (2008), o estilo expressivo, a que se concede um valor social pode ampliar o capital linguístico do emissor. Não só a língua é o instrumento de comunicação, a pronúncia, por exemplo, embora não assegure a competência, pode ajudar a conferir autoridade e capacidade de convencimento de quem fala. Nazaré Carvalho crescia no rádio e ganhava prestígio em Sergipe. Com a chegada da TV Sergipe, a primeira televisão no estado, Nazaré foi convidada para atuar na fase experimental e em seguida para apresentar o primeiro programa infantil da TV sergipana: Clube Júnior. **3 OS PROGRAMA CLUBE JÚNIOR E NOSSO MUNDO INFANTIL** O programa “Clube Júnior”, realizado na TV Sergipe, durava inicialmente 30 minutos e começava por volta das 16h. A apresentadora Nazaré Carvalho conta que atuava de forma quase improvisada, pela “intuição”, e sob o comando de Luiz Carlos Campos, seu mentor. “Tudo veio dele”. (CARVALHO, 2014). “Seu” Luiz, que tinha vindo de São Paulo para Aracaju assumir a parte comercial e artística da TV, montava a grade de programação, vendia comerciais e fazia de tudo um pouco. Assim, o “Clube Júnior” tinha um modelo a seguir. Num pequeno palco do estúdio, Nazaré falava com as crianças de casa, dava conselhos, lia cartinhas, elogiava as caligrafias, mostrava fotos e desenhos, selecionados entre os muitos recebidos por semana, e exibia desenhos animados da Hanna Barbera. O sucesso do programa foi tanto que logo sua duração foi ampliada de 30 para 50 minutos, das 18h às 18h50, e incluída a participação das crianças no estúdio. E de onde teria vindo essa facilidade em lidar com as crianças?

As aulas de Didática, Canto orfeônico, Educação Moral e Cívica, Psicologia, entre outras dos currículos do ginásio e do pedagógico de Nazaré certamente tiveram alguma utilidade. Além disso, embora timidamente, ela já havia lidado com crianças e adolescentes no programa radiofônico de auditório “Carrossel Infantil”. Na Rádio Cultura Nazaré e o radialista Jairo Alves trabalharam como assistentes do famoso Erílio Alves. O programa promovia gincanas entre escolas, entre outras atividades para crianças e adolescentes. Na TV Sergipe Nazaré Carvalho permaneceu desde a inauguração da emissora, em 15 de novembro de 1971, até 1974 quando foi convidada para compor a equipe na nova televisão que seria implantada no estado: a TV Atalaia. O novo canal foi inaugurado em 17 de maio de 1971. Músicas, brincadeiras, desenhos, gincanas culturais, prêmios e mais tempo no ar. E tudo em cores. Era o “Nosso Mundo Infantil”, o novo programa da tia Nazaré. Era realizado de segunda a sexta, das 15h às 17h. As crianças, acompanhadas de suas mães, tias, professoras ou responsáveis, começavam a chegar em frente à TV Atalaia logo depois do almoço. Sempre muito alegre e animada a tia Nazaré abria o programa cumprimentando a todos do estúdio e de casa. Anunciava as atrações da tarde, a presença das escolas participantes, aniversariantes do dia, cantava com as crianças, mostrava algumas fotos e desenhos recebidos e seguia, quase sempre, o roteiro elaborado pelo produtor José Alberto Rosa Montalvão. Redator de jornalismo da TV Atalaia, ele fora escalado para criar os quadros do programa, selecionar e contatar as escolas e entrevistados, fazer o roteiro para Nazaré e para os entrevistadores mirins, submeter alguns conteúdos à censura, elaborar os temas e perguntas para as gincanas culturais e orientar a apresentadora. (MONTALVÃO, 2015; CARVALHO, 2015; SOBRAL, 2015). Nazaré Carvalho complementa: “[...] tinham calouros, jurados, crianças e adultos. [...] Aí a gente falava, por exemplo, a Semana do Trânsito, vamos falar da importância [...] Tratávamos de cidadania. A gente até dizia: [Educação] Moral e Cívica na TV [...]” (CARVALHO, 2014). Cabe ressaltar que a liberdade de expressão na mídia já havia sido cerceada com a Lei de imprensa de 1967, e a censura prévia nos meios de comunicação fora estabelecida em 1970. Com o “monitoramento” dos conteúdos veiculados nas programações televisivas os programas, inclusive os infantis, recebiam um “direcionamento”. Assim, os programas da “tia” Nazaré também continham ensinamentos e reforçavam valores defendidos pela educação moral e cívica, enquanto disciplina e prática educativa, no regime militar. Entre esses costumes estavam o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, aos grandes vultos de sua história; o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana e o aprimoramento do caráter, com o apoio na moral, na dedicação à família e a comunidade. A música, ora cantada ora parte das apresentações e brincadeiras, era um forte componente nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho. Além de proporcionar divertimento, essas práticas musicais eram educativas?

E o que poderiam aprender as crianças com as músicas do programa?

Lígia Oliveira, ex-participante, acredita que sim: “[...] Ai, eu entrei na roda, ai, eu entrei na roda

dança, eu entrei na roda dança e eu não sei dançar. Sete e sete são catorze. Três vezes sete, vinte e um. Tenho sete namorados mas não gosto de nenhum[...] A gente estava aprendendo tabuada, não era?

(OLIVEIRA, 2015). Além de participar das brincadeiras e assistir aos desenhos, as crianças e adolescentes se tornavam as atrações principais nos programas das sextas-feiras. Era o “Ensaio Geral”, uma espécie de show de talentos dentro do Nosso Mundo Infantil. Cantavam, dançavam representavam, participavam de concursos de calouros e faziam entrevistas. As gincanas culturais, realizadas às quartas-feiras, eram o ponto alto da participação do público pré-adolescente. Elas reuniam estudantes de várias escolas, promoviam interação entre eles, que respondiam perguntas, participavam das tarefas que lhes tinham sido incumbidas e torciam efusivamente durante as disputas realizadas no “auditório” da TV. No mesmo estúdio onde nos outros dias da semana as crianças cantavam, brincavam ou se apresentavam no “Ensaio Geral”, equipes de duas escolas se enfrentavam durante uma tarde respondendo perguntas sobre um tema previamente anunciados a elas. Cada acerto era pontuado. Vencia a escola que fizesse mais pontos. E o que ganhavam?

“Nada! Um troféu, que ficava pra escola”, respondeu rindo a ex-participante Maria Auxiliadora Nunes (NUNES, 2014). Observando como as gincanas eram realizadas, pode-se constatar que os participantes ganhavam mais que troféus. Alunos e professores se envolviam nas disputas. As equipes recebiam com antecedência o tema que deveriam estudar e as tarefas a cumprir e cinco alunos, indicados de cada escola, passavam a semana se preparando para mostrar que dominavam o assunto. Os temas dos programas eram quase sempre relacionados com a data comemorativa do mês em curso. Para Maria Auxiliadora Nunes, ex-participante, as gincanas eram um estímulo aos estudos: “Repare quanto a gente estudou pra se preparar pra um programa desse! E em casa o povo assistindo aqueles programas e aprendendo,” (NUNES, 2014). Para a ex-telespectadora do Nosso Mundo Infantil Maria Idene Santana, os programas da tia Nazaré tinham conteúdo educativo. “Educar não é só em sala de aula. Educação a gente está tendo a todos os momentos [...]. Nas relações a gente está se educando, não é?”

(SANTANA, 2015). **CONSIDERAÇÕES FINAIS** O Clube Júnior (TV Sergipe) e o Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia) não foram concebidos como programas infantis educativos, não foram pautados em projetos pedagógicos e seguiam modelos comerciais de programas infantis de emissoras do Sudeste do país. Além de contar com a criatividade de profissionais que fizeram escola na história do rádio (de onde vinham) e da TV sergipana. Era preciso incluir as crianças como público alvo da novidade. Nazaré, que tinha formação pedagógica, fez o curso Normal, depois Licenciatura em Letras, contou que não teve a intenção de educar crianças, embora entenda que o fez de alguma forma. Para John Dewey, como destaca Lourenço Filho no prefácio à obra “Vida e Educação” (1978), “[...] não deve haver nenhuma separação entre vida e educação. As crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo.

[...] A educação torna-se, desse modo, uma 'contínua reconstrução de experiência'" (1978, p.7). Como observado, durante a análise dos conteúdos dos programas, diversas práticas educativas foram postas em circulação nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho. Assim, as televisões sergipanas, logo nos seus primeiros programas infantis, de forma intencional ou não, ao passo que procuravam entreter e garantir audiência com suas produções, acabaram por inculcar conteúdo educativos.

REFERÊNCIAS ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.p.154-202. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** (Introdução, organização e seleção Sergio Miceli). 6.ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2005. BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista/SP:IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco,1999. BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru/SP: EDUSC, 2004. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro-RJ: Berthan Brasil,S.A., 1990. CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. DEWEY, John. **Vida e Educação**. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos,1978. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990. LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da Conceição. **Nazaré Carvalho e a Educação Infantil na TV Sergipana (1971- 1976)**. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015.

Disponível em:

< http://

8cbhe.com

.br

/media/doc/ f3d7f9abdfd70477d3bd8ddcbe8de4f4.pdf

>.

Acesso em: 06 jun.2015. POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro.v.5, n.10, 1992, p.200-212.

SÁ, Sebastião. **Linhas de Expressão**. Projeto experimental do curso de Radiojornalismo. Universidade Federal de Sergipe. UFS.2007. SANTOS, Osmário. **Memórias de políticos de**

Sergipe no século XX. Organização de Afonso Nascimento. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2002. SOUZA, Marco Aurélio Cardoso. **As cantigas de roda da Creche Jardim Felicidade** – cenário vivo para o ‘exercício do olhar’ – um estudo autoetnográfico. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)- Escola de Música, 2011. THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros.** Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. **FONTES Documentos diversos BRASIL.** Decreto 50370.

Disponível em:

<http://>

www2.camara.leg.br

[/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50370-21-marco-1961-390046-publicacaooriginal-1-pe.htm](http://legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50370-21-marco-1961-390046-publicacaooriginal-1-pe.htm)

|

.

Acesso em: 04 jan. de 2016. BRASIL. Decreto-Lei Nº 869, de 12 de Setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão de Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e modalidades de todo o Brasil.

Disponível em:

<http://>

legis.senado.gov.br

[/legislacao/ListaPublicacoes.action?](http://legislacao/ListaPublicacoes.action?)

[id=195811](http://legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195811)> Acesso em 27 de ago. de 2015. BRASIL. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

[/CCIVIL_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm)

.>

Acesso em: 20 jul. 1915. SERGIPE. Divisão de Inspeção Escolar (DIESP-SEED/SE). **Dossiê escolar de Nazaré Carvalho**, Escola Normal, 1º ano Pedagógico. SERGIPE. Divisão de Inspeção Escolar (DIESP-SEED/SE). **Dossiê escolar de Nazaré Carvalho**, Colégio Senhor do Bonfim. **JORNAL DA CIDADE Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 20 a 26 set. 1971. p.7. **Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 16 maio 1975. p.1. **Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 18 e 19 maio 1975. p.1 e 3. **Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 31 maio a 06 jun. 1971, p.3. **GAZETA DE SERGIPE**, Aracaju/SE, 1969, 1971, 1975. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju/SE. 31 mar. 1971. p.3 **Gazeta de Sergipe**, Aracaju/SE, 11 jun. 1971. p.1. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju/SE, 30 jun. 1971. p.3. **ENTREVISTAS CARVALHO**,

Maria Nazaré de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2010; 2014; 2015. MONTALVÃO, José Alberto Rosa. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015. NUNES, Maria Auxiliadora Alves. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014. OLIVEIRA, Ligia Maria. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015. SOBRAL, Terezinha de Carvalho. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015. **MATERIAL AUDIOVISUAL** TV SERGIPE – 35 ANOS - Nossa História. Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju-SE. Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min). TERRAS SERIGY- Goiabinha. Edição de Dida Araújo e Fernando Petrônio. Aracaju-SE. TV Sergipe. 2014. DVD (15min50). **SITES DE PESQUISA** [www.](http://www.bancodeteses.capes.gov.br)

bancodeteses.capes.gov.br

[www.](http://www.sbhe.org.br)

sbhe.org.br

[www.](http://www.facebook.com)

[facebook.com](https://www.facebook.com)

[/groups/1492964807596604/?](https://www.facebook.com/groups/1492964807596604/)

[fref=ts www.](http://www.fref=ts)

[memoriasdaditadura.org.br](http://www.memoriasdaditadura.org.br)

[http://](http://www.brasil.gov.br)

[www.](http://www.brasil.gov.br)

[brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)

[http://](http://www.legis.senado.gov.br)

[legis.senado.gov.br](http://www.legis.senado.gov.br)

[> . www.](http://www.planalto.gov.br)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

[www.](http://www.redeglobo.com)

[redeglobo.com](http://www.redeglobo.com)

Autora- Rísia Rodrigues Silva Monteiro- Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sergipe, graduada em Comunicação Social pela Universidade Tiradentes (UNIT) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares da Universidade Federal de Sergipe (UFS) E-mail: risiarodrigues@destaquenoticias.com.br

Co- Autora 1-Marluce Lopes - Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS),

especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sergipe, graduada em Comunicação Social pela Universidade Tiradentes (UNIT) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares da Universidade Federal de Sergipe (UFS) E-mail: marlucelpes@ufs.com

.br

Licenciado em História pela UFS; Servidor Técnico Administrativo da UFS; Especialista em Gestão de Políticas Pública em Gênero e Raça; Mestre em Educação pelo PPGED/UFS; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/PPGED/UFS. e-mail: frobertson51@gmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: